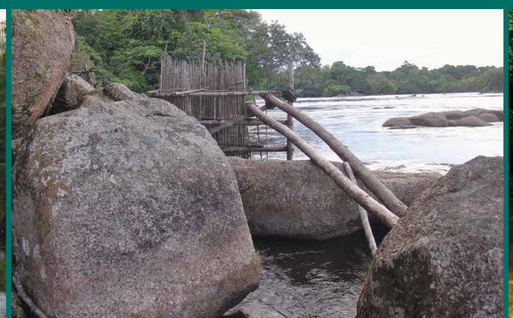


Estrada que atravessa da comunidade Ipanoré até a comunidade Urubuquara
©Aline Scolfaro, 2015

Cacuri nas pedras da cachoeira
©Aloisio Cabalzac, 2008

Um dos canais e corredeiras da cachoeira de Ipanoré
©Aline Scolfaro, 2015

Ocupações

- *Pahri mahka* — Comunidade/ Povoado
- *Bɯhkɯ mahka* — Comunidade antiga
- *Kamahka* — Sítio
- *Wi'ító* — Sítio antigo
- *Bohsénumɯ weri mahka* — Sítio de festa
- *A'peye mahkari* — Outras comunidades
- *Dehsubari di'ta* — Limites das áreas de uso

Lugares sagrados e históricos

- *Õãmarã na nisẽti ukũke wiseri* — Lugar sagrado ancestral
- *Wa'i mahsã wii* — Casa de peixe gente
- *Wa'i turĩ bahsari wii* — Casa sagrada de peixes
- *Pinõ wii* — Casa de cobra
- *Bɯhkɯra bahsaka wiito* — Antiga maloca
- *Wame'tiri wii* — Lugar histórico
- *Wẽrikhára kuñaró* — Cemitério

Manejo de peixes e caça

- *Wa'iró* — Cacuri
- *Kahsaka* — Cerca para matapi
- *Wa'ia Turĩse* — Piracema
- *Doé diekurõ* — Desova de traíra
- *Ũá yari u'tu* — Desova de irapoca
- *Omaperi* — Lugar onde cantam as rãs
- *Bahpa nĩro* — Daracubizal
- *Dihtara* — Lago
- *Wehkɯ ahko nerẽro* — Bebedouro de anta
- *Yehsea ma'a* — Caminho de queixada
- *Dehsɯ ba'ri u'tu* — Acampamento de pesca/caça

Manejo florestal

- *Wehse* — Roça
- *Mihpita* — Açaí
- *Neeta* — Buriti
- *Ñumumahká* — Bacaba
- *Ñumɯpahka* — Patauá
- *Mhũita* — Caranã
- *Mihsi nĩro* — Cipó
- *Poópɯ nĩro* — Molongó
- *Diipɯ* — Seringa
- *Wahtá nĩro* — Paxiúba
- *Barasuhtikɯ* — Copaíba
- *Wɯhɯta* — Arumã
- *Mõã pũnitá* — Buçu
- *Nohka puri* — Tucum
- *Pepuri* — Palha Branca
- *Itaúba* — Itaúba
- *Di'ĩmiró* — Argila

Outros lugares importantes

- *Nuhkũ paro* — Praia
- *Nɯhkɯro* — Ilha
- *Poeya* — Cachoeira
- *Dia ɯhkũari tukurõ* — Poço do rio
- *Ahkó whĩro* — Fonte d'água

Trilhas

- *Ma'a* — Trilha/caminho

Paisagens mapeadas

- *Nɯhkɯ tɯ'mɯarõ* — Mata alta
- *Nɯhkɯ tɯ'mɯatiro* — Mata baixa
- *Tahtá boa* — Caatinga
- *Diakoe* — Igapó
- *O'pata* — Chavascal
- *Bɯhkɯ wiake* — Capoeira antiga
- *Ma'ma wiake* — Capoeira nova

Legenda geral adotada nos mapeamentos participativos de toda a região do Baixo Uaupés. Pode ser que alguns elementos não sejam encontrados na área de manejo de Ipanoré, e que, portanto, não estejam representados no mapa da comunidade.

AIMAs e outros moradores de Ipanoré em oficina de mapeamento
©Aline Scolfaro, 2014

20 CARTA Brasil SOCIOAMBIENTAL

Área de Manejo da Comunidade Ipanoré

Baixo Rio Uaupés

Terra Indígena Alto Rio Negro

Agentes Indígenas de Manejo Ambiental - AIMAs

A comunidade Ipanoré, ou **Tõpha duri** em tukano, está localizada numa região muito importante para os povos indígenas da bacia do rio Uaupés. Aí se localiza **Pamuri Mahsã Poeya**, a cachoeira da transformação, local de origem de vários grupos da família linguística tukano.

A cachoeira é também um obstáculo para quem sobe ou desce o rio. Atualmente poucos se arriscam a passar por ela com seus botes e canoas. Quando os missionários salesianos chegaram, na década de 1920, convenceram nossos antepassados a abrirem um varadouro para que as embarcações pudessem contornar a cachoeira. Foi um trabalho árduo. Hoje, no lugar desse varadouro, há uma estrada com cinco quilômetros de extensão que passa bem no meio da nossa comunidade e chega até Urubuquara, já do outro lado da cachoeira. Por essa estrada passam diariamente viajantes com suas canoas e botes em cima da carroceria de um caminhão e também mercadorias e combustível que abastecem o povoado de Iauaretê. Nossa comunidade acaba sofrendo um pouco com isso, já que essa movimentação traz impactos para nós: sujeira e lixo deixado pelos viajantes e tripulantes das embarcações; vazamento de óleo e combustível nos nossos portos; dentre outras coisas. Por ser um lugar tão importante e estratégico, gostaríamos de um maior apoio para pensarmos ações que possam ajudar a reduzir os impactos que essa movimentação toda causa para nós.

Os mais velhos que conhecem as histórias contam que no início quem morou na área de Ipanoré foi o senhor Poero, que era da etnia Piratapuya, do clã Dia Pirõ. Ele era proveniente da comunidade Teresita, margem colombiana do médio rio Papuri. Poero era um poderoso pajé (Yaí). Um dia tomou *kahpi muroro* e na sua visão apareceu o infinito (*pé ña*). Por isso denominou o lugar de Na Wii. Dizem que isso aconteceu aproximadamente no século XVII. Poero tinha um cunhado tariano do clã Makuya que vivia no alto Uaupés. Este prestava serviço de pescaria aos seus irmãos maiores dos clãs Bohpoká, Oaparo, Kuikaparo e Kuewatee. Mas frequentemente viajava até Na Wii para visitar seu cunhado piratapuya. Um dia, em uma dessas visitas, resolveu ficar definitivamente em Na Wii com Poero. Passado um tempo, Poero decidiu se mudar para Yamã Sa'ro e repassou o sítio Ña Wii à Makuya. Entregou também a seu cunhado tariano todos os lugares de pescaria, cacuri, matapi e caias que existem na cachoeira. Makuya construiu sua maloca no remanso, no lugar chamado Pahti Pa. Posteriormente, já no século XVIII, vieram chegando outros grupos Tariano provenientes do alto Uaupés e de Iauaretê. Chegaram os Kuikaparo, Kuewatee e Sã´ãɯhsero. Os Kuikaparo foram viver junto ao grupo do Makuya no sítio Pahti Pa. O grupo Kuewatee apropriou-se do sítio Pahti'í Tuhturo. E o grupo Sã´ãɯhserõ no sítio Ũtã Pehtá (porto pedra). Todos eram descendentes do ancestral Kuewatee e cada um vivia em seu próprio sítio. Foi somente depois da chegada dos missionários salesianos que todos se juntaram para formar a atual comunidade.

Em 2015, segundo levantamento que realizamos, 14 famílias viviam em Ipanoré, num total de 87 pessoas. A maioria das famílias é do grupo **Tariano**, mas há também uma família Tukano e uma Desano. E há ainda as mulheres/esposas que pertencem aos grupos Tukano, Desano, Pira-Tapuia, Miriti-tapuia, Arapasso, Wanano, Tuyuka, Hupda e Kubeo. A língua de comunicação na comunidade é o tukano. Em Ipanoré não há mais nenhum falante da língua tariano.

Todas as famílias vivem sobretudo da **pesca** e da **roça**. Na época de enchente a região é muito boa para a pesca. Todos instalam seus cacuris, matapis e caias nas pedras da cachoeira e pegam muitos peixes. Mas na seca o peixe fica mais escasso. Já para a agricultura, a região não é muito propícia. Como grande parte do território da comunidade é constituído por caatinga, contamos com pouca terra firme e solos férteis para abrir roçados. Apesar disso todos conseguem produzir o suficiente para o próprio sustento. E na nossa área há também outros recursos que utilizamos conforme as épocas, como caraná, patauá, açaí, madeira e outros.

Um problema que percebemos hoje em nossa região é uma significativa diminuição dos peixes em relação à antigamente. Não sabemos porque isso vem acontecendo, mas na área do baixo Uaupés há a **entrada frequente de pescadores de fora** que chegam para pescar sem pedir permissão das comunidades. Estes são sobretudo não indígenas que vêm da cidade usar arrastões e pesca de mergulho para vender os peixes na cidade, mas também alguns parentes indígenas de outras regiões que aproveitam para pescar quando estão de passagem pela região. Além disso, há ainda alguns problemas internos de desrespeito às áreas de pesca das comunidades e **uso excessivo de malhadeiras** por pescadores da própria região.

Por isso hoje estamos tentando discutir formas de fiscalizar e cuidar melhor de nosso território, através da reivindicação de um sistema de comunicação mais eficiente, acordos de manejo internos e com parentes de outras regiões, respeito às áreas de uso de cada comunidade e valorização dos **lugares sagrados (*wametisé*)**. Muitos de nossos locais de pesca, pontos de piracema e áreas importantes para o manejo são *wametisé*.

Esse mapa é um dos resultados desse trabalho, ao qual nós **AIMAs (Agentes Indígenas de Manejo Ambiental)** de Ipanoré, com apoio dos conhecedores, professores, lideranças e outros moradores, viemos nos dedicando entre 2014 e 2016. Ele foi elaborado a partir de oficinas ministradas por assessores do Instituto Socioambiental-ISA em parceria com a FUNAI (Coordenação Regional Rio Negro) e com a FOIRN. A intenção é que esse trabalho possa ajudar a nossa comunidade e todos os moradores da região a manejar e cuidar melhor de nosso território, a partir da valorização de nossos próprios conhecimentos e modo de vida.

REALIZAÇÃO

ISA Instituto Socioambiental
FOIRN Federação Indígena do Rio Negro
FUNAI

APOIO

IPHAN Ministério da Cultura
Regnskogfondet RAINFOREST FOUNDATION NORWAY
GORDON AND BETTY MOORE FOUNDATION

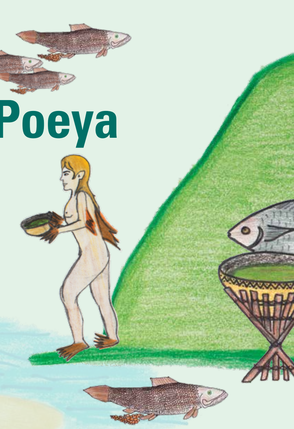
Organização: Aline Scolfaro (ISA) e Renata A. Alves (ISA). **Elaboração de mapa:** Renata A. Alves. **Pesquisas, mapeamentos e texto:** Adonilson Figueira Castilho (Aima) e Leonardo Vital Castro (Aima). **Desenhos:** Adonilson F. Castilho (Ipanoré); Dênio M. Rodrigues (Taracuá); João Carlos O. Gama (Matapi); Larissa M. Duarte (Taracuá); Silvaldo Navarro da Silva (São Pedro); Valdir C. Aguiar (Cumuri). **Colaboradores da comunidade:** Gerbardo Castro; Algemiro Fontes; Paulo Fontes; Moisés Dias Castilho; Luis Gonzaga Galvão; Jonildo Ferraz Fontes; Pedro Adelson F. Fontes; Eugênio Vaz Pena; Osmarino Figueira Castilho; José Tibério Mendes. **Outros colaboradores:** Denivaldo Cruz da Silva (Funai); Pieter Van Der Veld (ISA); Raphael Rodrigues (Ufscar). **Edição de conteúdo (mapa e texto):** Aline Scolfaro. **Design gráfico:** Roberto Strauss.

Fontes: Base Cartográfica dos limites políticos, hidrografia e sedes municipais (IBGE, 2015); Terras Indígenas (Instituto Socioambiental, 2015); Vegetação de fundo (http:arcgis/rest/services/Terrestrial_Ecosystems_Reference_Tiled/MapServer, 2015) e Mapeamento Participativo Baixo Uaupés (AIMAS e comunidades, FOIRN/ISA/FUNAI, 2014 a 2015).

ISBN: 978-85820250555

Pamuri Mahsã Poeya

Cachoeira da Transformação



Pamuri Mahsã Poeya, a cachoeira da transformação, é um dos lugares sagrados mais importantes para os povos indígenas da bacia do Uaupés. Foi aí que os primeiros ancestrais de vários grupos da família linguística tukano emergiram para esse mundo como seres humanos verdadeiros e passaram a povoar o território onde hoje vivem, nos rios Uaupés, Papuri, Tiquié, Pirá-Paraná e afluentes.

Foi no local chamado ***Pamuripé*** (buraco da transformação) que os Pamuri Mahsã (gente da transformação) saíram para a terra, depois da longa viagem que fizeram pelo mundo subaquático, no ventre da cobra-canoa ou *pamuri yuhkusu* (canoa de transformação). *Pamuripé* é um grande buraco que há em uma das lajes de pedra da cachoeira e que só aparece quando o rio está seco.

Os velhos contam que esses primeiros ancestrais saíram do Lago de Leite, no extremo leste da terra, ainda em forma de *wai mahsã* (peixe-gente), e de lá foram subindo pela costa, entraram pelo rio Amazonas, rio Negro e rio Uaupés, até chegar a Pamuri Mahsã Poeya. Foi no local chamado Uhûri wii, um pouco abaixo de nossa comunidade, onde eles estiveram como última casa antes de sair pelo buraco da transformação. Aí se prepararam, se enfeitaram e Avô do Universo fez o benzimento do buraco de saída, para eles ficarem protegidos e não estranharem o ar e o clima do mundo de fora. Depois Avô do Universo furou um canal por onde a cobra-canoa pôde passar em segurança até a beira do buraco. Porque ao longo do caminho há muitas casas de *wai mahsã* e outros seres hostis. Ainda hoje é preciso tomar cuidado para não perturbá-los em suas moradas, senão eles podem atacar as pessoas, provocar doenças, trovões e tempestades.

Dizem que ao saírem pelo buraco, os ancestrais passaram do mundo de baixo para a superfície da terra, já transformados em seres humanos. Depois todos se reuniram em *Pamuri Nuhkuparó*, a praia da transformação. Aí Avô do Universo pediu que cada um escolhesse sua arma e partisse para seguir seu caminho até os territórios destinados à cada grupo. Em algumas das pedras localizadas em *Pamuri Nuhkuparó* há bonitos desenhos (petróglifos) deixados pelos seres desse tempo da transformação.

Nós Tariano, que vivemos já há muitas gerações na área da cachoeira, apesar de fazermos parte da família linguística arawak e termos nossos lugares de origem mais importante em outra região – Apuí cachoeira, no rio Aiari – também damos um grande valor aos locais sagrados da Cachoeira da Transformação. Esses locais são de conhecimento dos velhos, pescadores e demais moradores da comunidade Ipanoré e também das comunidades e sítios próximos, como Urubuquara e Pinu-Pinu.

Para que a gente possa manejar nosso território em segurança, abrir roçados, pescar e instalar nossos cacuris, matapis e caias nas pedras da cachoeira, precisamos conhecer e respeitar esses lugares sagrados e as casas de *wai mahsã*. Por isso para nós é muito importante valorizar, fortalecer e incentivar a transmissão desses conhecimentos entre as gerações. Disso depende a saúde de nossa comunidade e de nosso território.

Ocupações

Pahri mahka
Comunidade/ Povoado

Kamahka
Sítio

Wi'itó
Sítio antigo

Lugares sagrados e históricos

Ôãmarã na nisêti ukũke wiseri
Lugar sagrado ancestral

Wa'i mahsã wii
Casa de peixe gente

Wa'i turĩ bahsari wii
Casa sagrada de peixes

Buhkura bahsaka wiito
Antiga maloca

Manejo de peixes e caça

Wa'iró
Cacuri

Kahsaka
Cerca para matapi

Wa'ia Turĩse
Piracema

Ũã yari u'tu
Desova de irapoca

Dehsu ba'ri u'tu
Acampamento de pesca/caça

Outros lugares importantes

Nuhkũ paro
Praia

Nuhkuro
Ilha

Poeya
Cachoeira

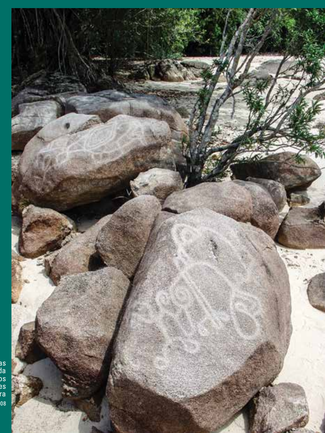
Trilhas

Ma'a
Trilha/caminho

Praia da transformação (pamuri nuhku paro), um dos lugares sagrados da cachoeira
©Aline Scoltaro, 2015

Buraco da transformação (pameri pe e) na cachoeira de Ipanoré, local de surgimento dos primeiros ancestrais
©Aloisio Cabalzar, 2008

Cacuri nas pedras da cachoeira
©Aloisio Cabalzar, 2008



Petróglifos nas pedras da praia da transformação, um dos lugares importantes da cachoeira
©Aloisio Cabalzar, 2008